

.....

Este trabalho é parte de uma pesquisa, realizada com professores de Língua Portuguesa que trabalhavam na Educação de Jovens e Adultos. Participaram da investigação sete docentes e o instrumento utilizado para o levantamento dos dados foi uma entrevista semi-estruturada. Os dados levantados nos permitiram verificar que: a) a graduação em Letras não garantiu aos professores de Língua Portuguesa da EJA a apropriação de conhecimentos teóricos que embasassem suas atividades de leitura em sala de aula; b) Os cursos de qualificação em serviço, não lhes asseguraram a revisão e (re)significação conceitos ou a aquisição de novas concepções sobre o ato de ler; c) Alguns professores desconhecem o que é uma teoria, e não sabem como se apropriar dela para subsidiar a prática pedagógica; d) Os professores se amparam em conhecimentos práticos para desenvolver as atividades em sala de aula; e) Os professores da EJA precisam apropriar-se de forma contínua e sistemática de conhecimentos sobre a linguagem e a leitura.

Palavras-Chave: Leitura; Teoria; Prática Pedagógica.

This work is a part of qualitative research among Portuguese language teachers belonging to the Basic Education and the Education of Youth and Adults municipal educational systems in Campo Grande [MS]. Seven teachers working in the upper series of fundamental education participated in this research. For the realization of this research, the socio-historical theoretical reference was used. The instrument used for data collection was a semi-structured interview with questions referring to conceptions of language, reading and teaching practice. Data collected permitted verification of the following: a] graduation in Language and Literature does not guarantee teachers of Youth and Adults Education the appropriation of theoretical knowledge on which they can base classroom reading activities; b] in-service qualification courses in which they participate do not assure the revision and [re]signification of the concepts nor the acquisition of new conceptions of the act of reading; c] some teachers do not know what a theory is, nor know to appropriate one in order to subsidize pedagogical practice; d] teachers depended on practical knowledge for the development of classroom reading activities and e] Youth and Adult Education teachers need to appropriate in a continuous, gradual and systematic form knowledge on language and reading.

Keywords: Reading; Theory; Teaching Practice.

As Concepções de Leitura dos Professores de Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos

Alda Maria do Nascimento Osório
Doutora em Educação, professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. (UFMS);
aldaosorio@terra.com.br

Maria de Fátima Xavier da Anunciação de Almeida
Mestre em Educação, professora Curso de Pedagogia da Universidade para o Desenvolvimento do Pantanal (UNIDERP);

Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa realizada com professores de Língua Portuguesa, que atuam no segundo segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na rede municipal de ensino em Campo Grande – MS. Desse modo, o que apresentaremos, neste texto, são os significados atribuídos pelos docentes de Português da EJA à leitura, considerando que por trás de uma prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa há concepções de língua(gem), leitura, ensino e aprendizagem, as quais estão imbricadas, nesta ação educativa.

Concepções de educação escolar e de linguagem: pontos de ancoragem para as concepções de leitura.

Para pensar no ensino de leitura dentro da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, o professor de Língua Portuguesa necessita amparar-se em conceitos teóricos voltados ao próprio ato de ensinar, bem como se basear em concepções de linguagem, que por sua vez, refletirão nos seus conceitos de leitura. Esta tese fica evidente quando Geraldi (1984) ao tratar das práticas pedagógicas de leitura enfatiza a importância de uma concepção teórica para orientar o fazer docente e explicita:

Como coadunar esta concepção de leitura com atividades de aula, sem cair no processo de simulação de leituras? Não me parece que a resposta seja simples. Se fosse assim, não haveria tantos encontros de professores, tantos textos que tematizam a própria leitura. *Qualquer que seja a resposta, no entanto, estará lastreada numa concepção de linguagem, já que toda a metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade [...].* (GERALDI 1984, p. 80-81, grifo nosso)

Concordamos com o autor, pois além do professor buscar fundamentar-se em uma concepção de linguagem, ao trabalhar com o ensino da língua materna e, especialmente, com a leitura, necessita apoiar-se em concepções de educação e educação escolar, ensino, aprendizagem, indivíduo, mundo, sociedade, o que logicamente, envolverá uma teoria de compreensão e interpretação da realidade.

Nesse sentido, as concepções de educação escolar e de linguagem são pontos de ancoragem para as concepções de leitura. Esta relação entre concepções de educação escolar (ensino), linguagem e leitura não é algo simples, entretanto, entendemos que para ter uma prática pedagógica bem sucedida o professor de língua materna, inclusive aquele que atua na EJA necessita buscar relacionar esses conhecimentos.

Para tanto, fomos buscar nos conceitos trazidos por Saviani (1995) com relação às teorias da educação, as quais ele denominou de “teorias não-críticas e teoria revolucionária”, bem como nos conceitos de língua(gem) de Bakhtin (1988), quando este autor estudou o pensamento filosófico-lingüístico do Século XX, realizando uma crítica às tendências denominadas de “objetivismo abstrato e subjetivismo idealista”, para fundamentar a nossa tese posta anteriormente, uma vez que esses autores amparam seu pensamentos num referencial teórico que tem base o materialismo dialético.

As “teorias não-críticas” de educação baseiam-se em referenciais positivistas e idealistas, ao passo que o pensamento filosófico-lingüístico do “objetivismo

abstrato”, está ancorado numa corrente positivista. Tanto o positivismo quanto o idealismo foram construídos em uma determinada época histórica e representam os conceitos de educação e de linguagem de seu tempo histórico.

Portanto, as “teorias não-críticas” de educação e de linguagem postulam o conhecimento como neutro, harmonioso, estático. Desconsideram a realidade social e a ideologia permeando o conhecimento. Deste modo, a leitura pode ser entendida como abstrata, descontextualizada da realidade sócio-histórica dos sujeitos (educandos), por isso não significativa.

Considerando a tendência do “objetivismo abstrato”, o ensino de leitura é arbitrário, abstrato, pois não considera a realidade concreta dos educandos. E por sua vez, o leitor teria um papel passivo diante da leitura.

Tratando-se o “subjetivismo idealista”, o ensino de leitura é centrado apenas nos interesses dos alunos, por isso seria um ensino “espontaneísta de leitura”. Deste modo poderia deixar de ensinar aspectos relevantes de leitura, assim como trabalhar ou propor discussões sobre conteúdos culturais relevantes de leitura com os educandos, apesar do aluno ter papel ativo no processo do ensino e da aprendizagem.

Tanto as teorias não-críticas de educação quanto as concepções de linguagem do “objetivismo abstrato” e o “subjetivismo idealista” abordariam a leitura desconsiderando os determinantes sociais e a ideologia influenciando nos sentidos atribuídos a ela, ou seja, desconsiderariam que a leitura de textos podem possuir os sentidos que um grupo privilegiado atribuem a ela.

Por conseguinte, o ensino de leitura poderia ser redentor, uma vez que por meio da aquisição e desenvolvimento da leitura surgiriam oportunidades iguais a todos os sujeitos (educandos), aqueles que se encontram no ensino regular ou jovens e adultos que freqüentam a EJA, indistintamente. A leitura seria ensinada a todos da mesma maneira para libertá-los da sua condição social.

Isto é falso, pois se sabe das determinações sociais impostas à vida dos indivíduos e das relações de poder existentes em na sociedade.

Na teoria crítica de educação, “pedagogia revolucionária” ou “teoria histórico-crítica” – que estamos denominando de teoria sócio-histórica da educação - a linguagem tem um caráter sócio-histórico, pois é viva, dinâmica e ideológica, por isso transforma-se ao longo dos tempos e transforma o sujeito, portanto ela é dialética. A linguagem, neste ponto de vista, constitui a consciência do sujeito. A leitura pode ser entendida como sócio-histórica, uma vez que constitui sujeitos, pois pode transformar suas consciências, tornando-os autônomos e críticos.

Desse modo, o ensino de leitura é contextualizado, concreto voltado à realidade social dos alunos, inclusive da EJA. Preocupa-se com o processo de letramento. Enfatiza o papel ativo do professor e do aluno, pois se trata de um ensino dialogado, considerando os determinantes sociais de uma sociedade capitalista, dividida em grupos sociais distintos.

Mediante o exposto, entendemos que o ensino de leitura para a Educação de Jovens e Adultos prescinde, entre outros elementos, de um compromisso por parte do educador em preparar o educando para tornar-se um indivíduo letrado, além de adquirir a compreensão do significado de “ser leitor” e apoiar-se numa perspectiva de educação escolar e de linguagem sócio-histórica. Neste caso, o professor de Português dessa modalidade de ensino, necessita, como já explicitado anteriormente, subsidiar sua ação docente em concepções teórico-metodológicas tanto de educação escolar como de linguagem, as quais fundamentam as concepções de ensino e aprendizagem de leitura.

Portanto, com o apoio de referenciais consistentes, o professor de Português da EJA, pode ser capaz de proporcionar aos seus alunos um ensino de linguagem e de leitura voltados ao processo de letramento. Com isso, a prática

pedagógica de leitura não se restringirá apenas ao empirismo, dissociada de um conhecimento científico.

Os significados atribuídos à leitura pelos professores da EJA

A leitura como ato de ler é apenas um conceito dicionarizado, mas é preciso pensá-la num significado além do dicionário. Leitura como linguagem sendo praticada, vivida numa relação dialógica entre texto e leitor, envolve atribuição de significados, compreensão e interpretação. Ela não está “descolada” de uma realidade social, histórica e ideológica, pois, quando o leitor lê um texto, ou dialoga com o texto, atribui-lhe sentidos múltiplos levando em conta o seu lugar social de sujeito-leitor, bem como os sentidos atribuídos ao lido, que na maioria das vezes expressam os antagonismos de uma sociedade dividida em classes sociais e o poder de um grupo social sobre outros grupos.

O ato de ler não envolve somente decodificar palavras vazias de sentidos, mas é a “leitura de mundo”. Ler não se encerra “[...] na leitura da palavra porque [...] acho que ela não se dá, em termos profundos, sem a leitura do mundo.” (FREIRE apud BARZOTTO, 1999, p. 21).

Leitura, ainda, é uma questão pedagógica, social e lingüística. É pedagógica, pois pode ser ensinada por meio da educação escolar. É social, pois ao ler o homem não está isolado dos determinantes sociais. É lingüística porque envolve a ação humana ao utilizar-se da linguagem.

Acreditando na importância da compreensão desses aspectos pontuais para o processo de ensino e aprendizagem da leitura, buscamos junto a sete professores de Língua Portuguesa da EJA em Campo Grande/MS entender os significados por eles atribuídos à leitura.

Para encontrar algumas respostas às nossas indagações, perguntamos aos sujeitos participantes da pesquisa, os quais identificamos por **A, B, C, D, E, F, G e H** - *O que era leitura e em quais*

teorias de leitura eles se baseavam para trabalhá-la junto aos seus alunos. As respostas dadas as duas questões nos possibilitou verificar quais os referenciais teórico-metodológicos de leitura e de ensino que embasam suas práticas em sala de aula.

A professora **A** revelou que concebe leitura como sendo “[...] tudo, tudo, até outdoor que a gente vê na rua [...], quando a criança tá aprendendo a ler a primeira coisa que ela gosta de mostrar”.

Na resposta da professora **A** é possível observar o seu desconhecimento sobre a amplitude dos conceitos de leitura, apesar dela reconhecer quando afirma que a leitura é “até de outdoor”, ou seja, a leitura não é somente da escrita em um livro, existem outros portadores de texto, inclusive um outdoor. A leitura pode receber múltiplos sentidos, é atribuição de significados do leitor ao texto, é ainda, compreensão e interpretação do lido.

Ao compreender e interpretar um texto, o leitor está sujeito às “[...] determinações de natureza histórica, social, lingüística, ideológica [...]” (ORLANDI, 1993, p. 12). Neste sentido, ao ler um texto, o leitor está condicionado aos modos de ler de seu tempo histórico e social, portanto quando interpreta um texto, necessariamente, entra aí representações, experiências, conhecimentos e a ideologia presente em sua época histórica.

Ler é a leitura da “palavramundo”, pois o ato de ler não é simples decodificação do lido, mas é interpretar o próprio mundo através dos textos. A leitura não é um ato mecânico, mas significativo, por isso necessita estar contextualizada à realidade sócio-histórica dos sujeitos. Deste modo, o contexto significa, ao mesmo tempo, “[...] o contexto do escritor e do leitor [...]” (FREIRE apud BARZOTTO, 1999, p. 20). Leitura, ainda, numa realidade sócio-histórica é a própria linguagem sendo praticada e transformando a consciência do homem, portanto, o ato de ler mostra sujeitos reais se constituindo enquanto sujeitos.

Por desconhecer que há conceitos múltiplos de leitura, a professora **A**, também, revela em sua fala não saber sobre as teorias de leitura, quando assinala que:

[...] olha se eu te falar que eu nem sabia que tinha teoria pra leitura! E olha que eu fiz a pesquisa de projeto da faculdade com a leitura. [...] eu nunca me apoiei em teoria pra leitura, não.[...] nunca me toquei, assim, pra teoria de leitura.

A professora **A** ao expor seu pensamento demonstra coragem e honestidade, pois admite nunca ter se apoiado em teoria para trabalhar com a leitura em sala de aula. Deste modo, fica explícito em sua resposta, o seu desconhecimento de teorias de leitura. Entendemos que não é culpa da professora **A** não saber teorias de leitura, tendo em vista que, como ela própria assinalou seu curso de graduação, bem como algumas capacitações, das quais participou não foram suficientes para que ela pudesse compreender, atribuir significado e sentido às teorias de leitura e, por conseguinte, dar importância as mesmas.

Mediante a resposta da professora **A**, podemos inferir que sua prática ao trabalhar com a leitura, e a linguagem se apóia no empirismo, ou seja, somente em experiências cotidianas de sala de aula, sem a preocupação com a aquisição e aplicação de conhecimentos teóricos.

Para a professora **B** leitura é: “[...] a coisa básica [...] porque através da leitura você abre horizontes [...] quanto mais você lê, mas você aprende”.

Aparece na fala da professora **B** a leitura como sendo “coisa básica”, “abertura de horizontes”. Ao ter a idéia de leitura como “coisa” a professora dá a entender que a leitura também conduz a novas aprendizagens. A leitura pode ser fonte de novas aprendizagens, e numa perspectiva sócio-histórica, o ato de ler além de envolver a aprendizagem cognitiva, caracteriza-se pela “[...] relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca.” (ZILBERMAN, 1999, p. 40).

Neste sentido, ao ler o sujeito não está distanciado de sua realidade sócio-histórica, tampouco, da objetividade

(racionalidade) que envolve o ato de ler, mas não se pode esquecer do elemento subjetivo presente na leitura, quando o leitor atribui significados ao lido por meio de sua teoria de mundo. Teoria esta, que é construída a partir de suas relações sociais com outros sujeitos.

Perguntamos, também, à professora **B** em quais teorias ela se fundamenta para trabalhar com a leitura junto aos alunos da EJA. A professora respondeu:

Eu trabalho mesmo com textos. [...] são vários textos. É, não tem uma teoria, assim, sabe. [...] E com eles têm que ser muito na prática. Então, não tem como pegar uma teoria e jogar, e pôr para eles. Então, com eles têm que ser muito na prática mesmo. (Prof^a **B**).

O depoimento da professora **B** converge com a fala da professora **A**, pois ambas mostram que desconhecem a existência de teorias que apóiam a prática pedagógica voltada à leitura. Contudo, a professora **B** traz um novo dado, o qual não aparece na fala da professora **A**, em relação a ação docente e o conhecimento teórico ela afirma que:

É, não tem uma teoria, assim, sabe. Eu sou mais prática. E com eles têm que ser muito na prática. Então, não tem como pegar uma teoria [...] e pôr pra eles. Então, com eles têm que ser muito na prática mesmo.

Deste modo, percebemos que a professora **B** desconhece o que é uma teoria, por conseguinte, não sabe como se apropriar dela para amparar sua prática docente. Pela fala da professora **B** observamos que a mesma, também, trabalha em nível de senso comum, empiricamente, desvinculando teoria e prática no momento de desenvolver atividades de leitura em sala de aula.

Nos depoimentos da professora **C** e da professora **G**, a leitura aparece como essencial e capaz de proporcionar o bem escrever. Para a professora **C**, a leitura é:

[...] necessária, porque sem a leitura não tem como o aluno escrever bem. Ele precisa tá lendo sempre pra poder escrever bem, pra poder desenvolver bem a linguagem, pra ter uma perfeição maior na língua. Então, a leitura também, é muito essencial.

Semelhantemente, para a professora **G**:

Leitura [...] é o essencial. [...] a partir do momento que o aluno tem a leitura, [...] ele não vai ter muita dificuldade. Eu falo que se ele lê, ele vai escrever bem.

Então, se você ler, você está a par para estar conversando qualquer assunto. Você é uma pessoa atualizada. [...] a leitura é fundamental.

Tanto a professora **C** quanto a professora **G** consideram a leitura como algo necessário para que o aluno escreva bem e, por conseguinte, desenvolva sua linguagem. Assim, as professoras citadas relacionam leitura à escrita, mas a leitura não está ligada apenas à escrita, a ler o escrito. "A leitura não é um ato que se dá apenas pelo domínio alfabético. Trata-se de uma *ação* dotada de profundo *sentido social* – participação, criação, construção." (MELO, 1999, p. 77, grifo do autor). Assim, o ato de ler não é apenas a decodificação da palavra escrita, é "ler o mundo", o que está além do escrito. E a leitura tem um sentido social, pois ao ler o leitor não está isolado da realidade social na qual vive, bem como há sentidos produzidos ao ler, que são construídos historicamente, marcados por uma ideologia.

Perguntamos às professoras **C** e **G** sobre em quais teorias elas se fundamentam para trabalhar com a leitura junto aos alunos da EJA, a professora **C** respondeu que: "[...] leio bastante PCN, diretrizes. Lá tem as formas que você deve trabalhar com cada faixa etária e também tem [...] as diretrizes, PCN voltados pra EJA".

A resposta da professora **C** mostra que ela se restringe a ler os PCNs e diretrizes da EJA. Não que essa prática esteja incorreta, mas a mesma professora poderia buscar outras leituras, outros autores que estudam a leitura sob os enfoques psicolingüísticos, sociolingüísticos, da Análise do Discurso, etc. Portanto, é possível observar que a professora desconhece outras teorias de leitura postas nas áreas mencionadas acima. Fica evidente que a professora **C** ainda não tem clareza de uma teoria de leitura, pois a mesma não soube explicitar que teorias que ela utiliza para trabalhar junto aos alunos da EJA. Com isso inferimos que a mesma professora, também, trabalha apoiada no empirismo.

E a professora **G**, afirmou que:

Eu baseio muito no que eu aprendi na faculdade. Eu me baseio bastante. Até que quem formou agora tem uma visão muito diferente dos antigos, tá, em questão de ensino. Isso a gente estudou bastante. Mas é isso que eu acabei de falar. Essas coisas que eu vi, que eu fico é [...]. Na prática. É, tempo. [...] eu me baseio nesse ponto. A partir do momento que ele converse o mínimo, o básico. Saber conjugar as palavrinhas no plural e no singular. E que ele saiba desenvolver um bom texto. Eu acho que ele está muito bem preparado. Não precisa nem saber o que é sujeito, o que é predicado. Eu vejo por esse lado.

Aparece na fala da professora **G**, que ela se apóia para trabalhar em sala de aula em leituras e teorias que aprendeu na faculdade. Entretanto, ela não nos informou quais teorias são essas.

Diferentemente da professora **C e G**, a professora **D**, atribui à leitura o seguinte significado:

Leitura é a pessoa, assim, viajar [...]. Daquela leitura, aquele livro ele se imaginar naquele local. Se for um lugar aberto, ele se imaginar naquele local. Ele fantasiar. Se for algo, algum tipo, ele se imaginar no lugar daquele personagem. Se for uma aventura, ele [...] também, imaginar e até criar, além disso. [...] eu acho que na leitura a pessoa tem que viajar mesmo [...]. A pessoa parar, ficar tipo em transe, assim, só imaginando aquilo. Acho que além dela absorver muito mais, ela vai criar. Ela vai querer mais. Ela vai ter um ponto que ela vai, um assunto que ela vai achar mais interessante. E de repente ela vai até mudar como pessoa, na personalidade, no humor, no gênio com aquela leitura.

Na fala da professora **D**, a leitura aparece como o ato de viajar, de imaginar, de colocar-se no lugar dos personagens, entrar em transe. Para ela, a leitura muda a personalidade interior da pessoa. Entretanto, a leitura não deve ocorrer somente dessa forma ou com estes objetivos. A leitura serve para a aquisição de informações, de novos conhecimentos, revisão de idéias e conceitos, inclusive por obrigatoriedade, etc. Diante disso é possível assegurar que ela é realizada por sujeitos singulares com motivações e interesses próprios, dentro de uma realidade sócio-histórica-ideológica. Neste sentido, Bakhtin (1988) considera que a linguagem transforma a consciência dos sujeitos, portanto constitui sujeitos sócio-históricos.

Quando perguntamos à professora **D**, em quais teorias se fundamentava para trabalhar com a leitura junto aos seus alunos da EJA, ela respondeu-nos:

É teorias, acho que informação. É senso crítico. Porque a pessoa não pode só lê e aceitar tudo o que ela está lendo. Ela tem também que concordar ou não. É um direito. É um livre arbítrio. Então, eu acho que é o, é o básico: informação e senso crítico.

Para a professora **D**, teorias são informação e senso crítico. Certamente, que toda teoria é uma informação constituída de princípios e conceitos, pois a ciência que ela representa necessita de rigor, objetividade e de senso crítico. Entretanto, na fala da professora não ficou explícita a teoria em que ela se ampara para trabalhar com a leitura junto a seus alunos. Deste modo, podemos inferir que a professora **D**, ainda, não tem clareza da importância de uma teoria para subsidiar a prática pedagógica ao trabalhar com a leitura.

O professor **E** amplia o conceito de leitura quando, fala que:

Leitura pra mim é tudo. [...] Por exemplo, você pode ler. [...] Assistir uma novela e fazer uma leitura daquela novela, hoje. Então você vai ver intertexto de livros como "Makhbé" e "Lia". [...] A leitura é isso: você interpretar o que está passando pra você. [...] é a leitura que o professor está passando para você. [...] não só a leitura do Cânone [...], a leitura do Shakespeare, mas a leitura para mim é muito abrangente, hoje. [...] pode ser a leitura de um filme. [...] a leitura pra mim é como a linguagem. Ela é muito abrangente.

A leitura para o professor **E** é tudo. É ler uma novela, um filme. É a intertextualidade entre um texto e outro. É interpretar. É ler a fala de um professor. Leitura não é apenas ler os livros clássicos. Ela é abrangente como a linguagem. A fala do professor **E**, apresenta conceitos bastante atualizados de leitura, pois a leitura como o professor concebe vai além da escrita, da decodificação das palavras. Inclui a interpretação dos mesmos, a intertextualidade, ou seja, a interlocução que ocorre entre os textos.

Neste sentido, reportamo-nos a Bakhtin (1988) quando, este autor, afirma que o diálogo é uma das formas mais importantes da interação verbal,

a qual não se restringe à comunicação face a face, mas pode ser um ato de fala impresso num livro. Por isso, estendendo à leitura esse conceito de diálogo de Bakhtin, vemos que na leitura também ocorre esse diálogo, quando há intertextualidade de leituras, interpretações e idéias de um autor as quais se propagam postas em diversos livros, textos. E, mais, a leitura é sempre situada num contexto sócio-histórico-ideológico.

Segundo o professor **E**, as teorias que ele utiliza para orientar sua prática pedagógica junto aos alunos da EJA, são:

Olha, eu tenho. Eu comecei com Saussure, tem Ducrot. Enfim, eu não sei me basear, são muitos textos. Muitos autores. [...] eu tenho me baseado muito na questão da Semiótica, na leitura. [...] sem os alunos perceberem que eu estou trabalhando isso, não vou falar sobre isso com eles.

Evidencia-se na fala do professor **E**, a dificuldade que é para ele entender o significado da teoria, pois são muitos textos, autores. Começou com Saussure e Ducrot. Afirma ter-se amparado nas teorias da Semiótica, mas não esclarece que teorias são estas. Isto nos permite inferir que o professor **E**, ainda não tem clareza em que teoria de leitura pode se basear para trabalhá-la. No referencial sócio-histórico, a leitura é contextualizada, não é somente a decodificação de letras, palavras, mas vai além, é pensar que a leitura se dá numa sociedade, portanto o leitor é um sujeito que possui uma condição de classe, portanto a leitura é “[...] uma prática social”. (BRITTO, apud SILVA, 2002, p. 14).

A professora **F** diz que para ela a leitura é:

O meu objetivo quando trabalho com a leitura é fazer com que o meu aluno entenda aquilo dentro de um contexto. [...] ler não é só decifrar o que está escrito. [...] é interpretar, entender, saber o que ele significa relacionar aquilo com um acontecimento passado.

Há na fala da professora **F** um conceito de leitura que pode ser oriundo de uma concepção de linguagem como interação verbal, pois para ela a leitura não é decifrar somente o que está escrito, extrapola o escrito. O leitor interpreta,

entende para poder relacionar o lido com acontecimentos do passado. E, mais com acontecimentos do presente, do contexto sócio-histórico. Ao ler o leitor lê com seus conhecimentos prévios, portanto com seus valores, de um lugar social. Como confirma Silva (2002, p. 21), “[...] a leitura é uma prática social, por isso mesmo, condicionada historicamente pelos modos da organização e da produção da existência, pelos valores preponderantes e pelas dinâmicas da circulação da cultura.”

Sobre as teorias de leitura que amparam sua prática docente, a professora **F** assinala que:

Eu não sigo uma teoria, assim. Eu ..., vai do momento do que, que eu quero pra aquele meu trabalho. De que forma eu vou trabalhar aquela leitura. Se é, por exemplo, a gente tem vários objetivos: a compreensão, a contextualização, a entonação, diversas formas de se ler o mesmo texto. Então, vai depender do momento, mas uma teoria, assim.

Na fala da professora **F**, fica claro que a mesma não segue nenhuma teoria para trabalhar com a leitura junto aos jovens e adultos. Surge, então, uma questão como alguém pode ter um conceito de leitura que considera a contextualização, a reflexão e ao mesmo tempo assegura que trabalha conforme as exigências do momento imediato. Neste caso, também é possível inferir que a professora **F** desenvolve uma prática mesclada de conhecimentos práticos e teóricos, estes últimos originados de uma perspectiva tradicional de ensino e de conceitos mais atuais sobre o trato com a leitura.

Ao ser questionada sobre qual teoria utiliza para apoiar a prática de leitura em sala de aula, a professora **H**, respondeu que a teoria é: “Um mecanismo necessário para o estudo da língua, ou melhor, compreensão dos significados”.

No depoimento da professora **H** a teoria surge como um mecanismo para o estudo da língua e para compreender significados. Entretanto, a teoria é necessária para que o professor saiba como trabalhar com a leitura e a entenda não somente como um mecanismo para estudar a língua, mas

como uma ferramenta importante para o entendimento dos significados, que propicia a interação com o meio social, ou seja, a leitura compreensiva implica em ler não apenas os sentidos contidos na palavra, mas aqueles que extrapolam as palavras, os sentidos escondidos nas entrelinhas do texto. Desta forma, a leitura está ligada a uma história do leitor, de seu lugar social.

A leitura nesta tendência é dialógica, pois há um diálogo entre texto e leitor. O leitor é sujeito ativo, por isso atribui sentido ao lido, bem como é influenciado pelo lido. Por conseguinte o ato de ler torna-se, também, social, histórico e ideológico, uma vez que o sujeito ao ler, lê de um lugar social, por isso histórico, influenciado pela ideologia de seu tempo. E ainda, a leitura é a própria linguagem em ação, quando o sujeito lê o texto ou faz a leitura de mundo vai atribuindo-lhes significados, compreendendo e interpretando, constituindo-se em sujeito mais reflexivo, mais crítico e autônomo.

Deste modo, “[...] pela leitura crítica o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante), elabora e dinamiza conflitos, organiza sínteses. Enfim, combate assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravização às idéias referidas pelo texto.” (SILVA, 2002, p. 26). Por isso, a leitura carrega no seu cerne sentidos múltiplos, uma vez que pode servir de ocultação de ideologias para paralisar idéias contrárias à exploração de uma classe social sobre as outras classes mais privilegiadas.

Ao ser questionada sobre as teorias que orientam as práticas de leitura junto a seus alunos da EJA, à professora **H**, não nos respondeu. Talvez, a professora **H** não tivesse pensado sobre o estabelecimento de uma relação entre teoria e prática docente e, mais, uma amparando a outra. Provavelmente, a professora **H** como os demais professores acima citados, não tenham, ainda, definição de qual ou em quais

teorias poderiam apoiar suas práticas docentes para trabalharem com a leitura junto aos educandos.

Algumas Considerações

Os dados levantados nos permitiram verificar que a graduação em Letras não garantiu aos professores de Língua Portuguesa da EJA em Campo Grande/MS a apropriação de conhecimentos capazes de sanar essa lacuna em relação às concepções de leitura como elementos sócio-históricos. Os eventos de capacitação dos quais eles participaram, nos últimos três anos, também, não lhes asseguraram a (re)significação conceitos ou a aquisição de novas concepções sobre esse tema. Isso significa dizer que o investimento na formação profissional desses professores não lhes garantiu o conhecimento, compreensão e a apropriação de teorias da leitura.

A apropriação de conhecimentos sobre a língua(gem) e a leitura, por parte dos professores necessita ser contínua, gradativa, sistemática, além da aquisição do hábito individual de leitura.

Os conhecimentos sobre a leitura não emergem no vazio, necessitam fundamenta-se nos conhecimentos de mundo desses professores, trazendo-lhes a possibilidade de refletirem sobre os mesmos para que de modo consciente possam escolher seus referenciais teóricos de língua(gem), de leitura e de ensino. Os quais não se apresentam como um produto acabado, mas sim, como construções históricas individuais resultantes de um processo contínuo de novas buscas e novas apropriações de conhecimentos científicos.

Por conseguinte, os professores de Língua Portuguesa da EJA que participaram desta pesquisa, tanto quanto os demais professores, que atuam nos diferentes níveis e modalidades de ensino, precisam de uma educação contínua para (re)significar suas concepções de leitura e (re)aprender a ensinar.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. [Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz]. 4 ed. São Paulo: Hucitec Editora, 1988.

FREIRE, Paulo. **Da leitura do mundo à leitura da palavra**. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). **Estado de leitura**. Campinas, SP: Mercado de letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Coleção Leituras no Brasil).

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 8 ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

MELO, José Marques de. **Os meios de comunicação e massa e o hábito de leitura**. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). **Estado de leitura**. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Coleção Leituras no Brasil).

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1993. (Coleção passando a limpo).

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 30 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 5).

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e Leitura: ensaios**. 1ª reimpressão. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2002. (Coleção Leituras do Brasil).